

MORAES, Rubens Borba de. **Testemunha ocular (recordações)**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2011.

**Rubens Borba de Moraes:
recordações de um modernista quatrocentão**

*Rubens Borba de Moraes:
memories of a four hundred years old modernist*

Felipe Matos¹

A ideia de editar as memórias inéditas do escritor, diplomata, bibliófilo, bibliotecário e membro da geração dos modernistas paulistas de 1922, Rubens Borba de Moraes, surgiu após a editora Briquet de Lemos receber para a publicação *O mestre dos livros: Rubens Borba de Moraes*, de Suelena Pinto Bandeira, em 2006. Antônio Agenor Briquet de Lemos, editor e organizador deste livro de “recordações”, fora amigo e colega do bibliófilo paulista em seus anos de magistério na Universidade de Brasília. Com a indicação de Suelena Pinto Bandeira sobre a existência dos textos originais guardados na biblioteca de José Mindlin, em São Paulo, Briquet de Lemos iniciou o processo de organização e digitalização dos datiloscritos, com a colaboração de Ana Maria de Almeida Camargo (coautora, junto com Rubens, de *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*) e Cristina Antunes, curadora da biblioteca de Guíta e José Mindlin.

Os originais destas memórias começaram a ser escritos em 1961, quando fazia pouco mais de um ano da aposentadoria de Rubens Borba do seu trabalho na ONU (foi diretor do Centro de Informações, em Paris, e diretor da Biblioteca da ONU), tendo regressado a São Paulo. A conclusão do texto, porém, só ocorreu em fevereiro de 1984, ou seja, dois anos e meio antes da sua morte, ocorrida em dois de setembro de 1986.

Nascido em 23 de janeiro de 1899, em Araraquara (SP), no seio de uma família “paulista de quatrocentos anos” descendente de Borba Gato, Rubens Borba de Moraes aborda em suas memórias aspectos de sua vida

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: felipematos@hotmail.com

pessoal, como causos familiares no sertão paulista na época da expansão da agricultura cafeeira, os internatos de Paris e Genebra, sua bibliofilia, além de apresentar painéis em tons informais sobre os acontecimentos a sua volta, como a Primeira Guerra Mundial e a Semana de Arte Moderna de 1922.

O autor, quando criança, divertia-se refazendo a genealogia de sua família, passatempo que diz ter abandonado com o surgimento das palavras-cruzadas. Quarenta anos depois, quando reencontrou suas anotações genealógicas dentro de um volume da *Genealogia paulistana*, sentiu um dó profundo por todos aqueles parentes que da vida nada restava senão o nome, e resolveu reparar esta injustiça iniciando a escrita desse livro de recordações. Seus orgulhos genealógicos confundem-se com a construção da imagem dos paulistas desbravadores e progressistas, abridores de fazendas no sertão que teriam transformado uma província pobre e despovoada no Estado mais rico e populoso do Brasil. Gente imbuída de um suposto espírito aventureiro e empresarial e que soube – primeiro com o braço dos escravos, em seguida com o dos imigrantes – aproveitar as condições socioeconômicas favoráveis para fazer fortuna e estabelecer-se com “fumos de nobreza” na sociedade paulista. “Gente que mandava e não era mandada”, que vivia, com orgulho, no que era seu, “como barões da Idade Média em seus feudos”, a classe dos “paulistas de quatrocentos anos”.

Ao retornar para o Brasil, em 1919, após obter o grau de Licenciado em Letras na Universidade de Genebra, regressou vestindo terno de casimira, chapéu de feltro, bengala e luvas de camurça. Havia saído daqui ainda criança e retornava dez anos depois, como um adulto com aspirações literárias. Necessitou de aulas de português para readaptar-se ao país e comprou uma vaga no funcionalismo público por 30 contos de réis. Com um excelente ordenado, pouco trabalho e muito tempo livre, resolveu fazer o que mais lhe interessava: literatura, com Mário de Andrade (seu amigo de infância) e com o grupo que faria a Semana de Arte Moderna em 1922.

Diz ter ficado assombrado com a ignorância dos jovens intelectuais em matéria de filosofia político-social, todos satisfeitos com o civilismo de Rui Barbosa. Rubens emprestava a Mário de Andrade e aos colegas do grupo *Klaxon* a revista de Henri Barbusse, que assinava, e as publicações do grupo *Clarté*. Sua carga de leitura ajudou a disseminar entre os colegas as obras de Lafargue, Villiers de l’Isle Adam, Huysmans, Apollinaire, Claudel, Cocteau, Blaise Cendrars, Max Jacobs, entre outros autores cujos livros não se encontravam facilmente nas livrarias de São Paulo.

Neste ponto, suas memórias começam a se confundir com a memória canonizada do movimento modernista paulista. Assumindo a aura de testemunha ocular dos fatos, Rubens Borba de Moraes se esforça para dar ao grupo de jovens ao qual pertencia – e somente a ele – o papel de pais fundadores do “verdadeiro modernismo” brasileiro.

Rubens reunia-se, desde 1921, na casa de Mário de Andrade, para encontros informais com a presença de Oswald de Andrade (Rubens não o chamava de “Oswald”), Guilherme de Almeida, Di Cavalcanti, Sérgio Milliet, Anita Malfatti e Luís Aranha. Tais “lindus do Mário”, nome dado por Di Cavalcanti às reuniões, tornaram-se um centro de reuniões de artistas, escritores, músicos e celebridades de passagem por São Paulo. Para Rubens, ali teria nascido, de fato, o movimento modernista brasileiro. Foram nos “lindus” que se discutiram as ideias, se debateram os princípios, se estabeleceu a ideologia do movimento, e seria a esse grupo inicial a que se deveria “a revolução na literatura brasileira” orquestrada pelos modernistas.

Ao rememorar as origens do movimento, conta-nos Rubens que a ideia para a realização da Semana de Arte Moderna teria partido de Di Cavalcanti que, para quitar suas dívidas, organizou, com a ajuda dos amigos, uma exposição de suas obras que, contudo, foi um fracasso de venda. Sem dinheiro, Di Cavalcanti resolveu que exposição individual era coisa do passado, que era preciso uma grande exposição de arte moderna, um *salon des indépendants* que sacudisse a indiferença do público. Foi na fracassada exposição individual de Di Cavalcanti que os modernistas conheceram Graça Aranha. Com a autoridade de um capitão inspecionando a tropa, Graça incentivou a ideia da Semana de Arte Moderna e orquestrou um encontro com Paulo Prado para a organização e levantamento de recursos para o evento, além de apresentar os modernistas do Rio de Janeiro aos paulistas.

Segundo Rubens, a vaidade de tenor da Ópera de Milão de Graça Aranha irritava a todos do grupo *Klaxon*, negando a ele peremptoriamente qualquer papel de mentor, a despeito dos grandes esforços deste para legitimar-se como tal. Procura também diminuir a importância dos modernistas do Rio de Janeiro, considerando-os menos arrojados, menos revolucionários que os paulistas, e ignorantes da literatura moderna. Rubens também demonstra ser a favor da história literária que divide o movimento modernista paulista em duas fases, antes e depois da Semana de Arte Moderna e da revista *Klaxon*.

Faz ainda um alerta sobre as crônicas de Menotti Del Picchia no *Correio Paulistano* e de Oswaldo de Andrade no *Jornal do Comércio*. Diz que são fontes secundárias e que precisam ser criticadas.

De Menotti, diz que era protegido de Washington Luís e por isso tinha liberdade de escrever sobre o que quisesse na imprensa. Suas crônicas muito fizeram para propagar as novas ideias em São Paulo, mas foi um repórter, um mero propagandista. Se não lhe faltava inteligência, lhe faltava cultura, leitura. Não soube interpretar corretamente a ideologia do grupo modernista. Devorava Marinetti e alguns poetas italianos, mas desconhecia a poesia francesa contemporânea que, segundo Borba de Moraes, foi mais importante na gênese do movimento modernista. Não tinha formação crítica, estética ou teórica em matéria de arte e literatura. Citava autores contraditórios, exprimia conceitos errados, ideias aberrantes. Sua prosa afligia os “verdadeiros modernistas”, desesperava Mário de Andrade, fazia rir Guilherme de Almeida, assustava Sérgio Milliet. Para Rubens, Menotti Del Picchia não tinha sido, não era e nunca foi um modernista. Tinha um estilo *dannunziano*, nunca soube o que era modernismo e desligou-se do grupo de *Klaxon* para ingressar no verde-amarelismo, movimento “patrioteiro”, ao qual pertenceu Plínio Salgado.

O caso de Oswaldo de Andrade, segundo o autor, era diferente. Ligou-se a Guilherme de Almeida e a todos os grupos paulistas que procuravam fazer algo diferente dos cânones aceitos. Era um moderno congênito, mas seu papel foi, sobretudo, o de relações públicas, por ele tão avocado. Rubens afirma que Oswaldo nunca lera dois livros na vida e escreveu sua obra sem nunca ter feito qualquer tipo de pesquisa. Oswaldo gostava de fazer novas relações e conhecer gente importante. Sempre agitado e ansioso, gostava de estar na crista da onda, ávido pela última novidade e por publicidade. Oswaldo era, como diria Mário, um “mostrador”. Ambos romperam relações quando da briga entre Oswaldo e Mário de Andrade.

Rubens de Moraes nega qualquer influência do futurismo de Marinetti no movimento modernista paulista. Diz que a popularidade da língua e da literatura italianas em São Paulo eram fatores que faziam com que a obra de Marinetti fosse conhecida na cidade, mas a palavra “futurista” era uma gíria na moda. Tudo o que saía da tradição era futurista. Era sinônimo de fora do comum, maluquice.

Sobre os autores que influenciaram os modernistas, Rubens cita Apollinaire, Proust, Cocteau, Max Jacob. Sobre Blaise Cendrars, Rubens

considera-o quase um personagem mitológico e sua poesia a mais importante do modernismo. Na sua cartilha do verdadeiro modernismo, recusa-se a dar ao movimento qualquer tom nacionalista e invariavelmente defende São Paulo como berço nacional do movimento. Fica claro que, na memória sobre o período que o autor pretende construir e legitimar, “os verdadeiros modernistas brasileiros” são o grupo inicial que se encontrava na casa de Mário e que se reunia em torno de *Klaxon*. Assim, mesclando sua vida de paulista quatrocentão com a trajetória do movimento modernista, seu livro de memórias é uma contribuição para a legitimação do papel e da importância do grupo paulista reunido em torno de Mário de Andrade como o primeiro e verdadeiro grupo modernista brasileiro, os arautos que não apenas teriam revolucionado a arte e a literatura, mas tirado o país do “atraso”, colocando-o em movimento compassado com as vanguardas mundiais.

Ao avocar para si o papel de “testemunha ocular”, Rubens Borba de Moraes legitima a versão da supremacia dos modernistas paulistas, corroborando com a história literária escrita por críticos como Antônio Cândido. Em seu relato memorialístico, o grupo de *Klaxon* mistura-se aos orgulhos genealógicos do autor. Foram, os Borba e os modernistas, desbravadores aventureiros e progressistas, verdadeiros abridores de fazendas no sertão.